

VIRGINIA WOOLF

OBRA RECOMENDADA
Leitura
Obrigatória
5.º ano

A VIÚVA E O PAPAGAIO



Ilustrações de David Pintor

Prefácio da escritora
Carla Maia de Almeida



 Fábula

Esta é a história de uma velha e respeitável senhora que gostava muito de animais. Gostava tanto que, sabendo nós quem era e o que lhe aconteceu depois, podemos perguntar-nos se confiava mais nos animais do que nas pessoas. A resposta é... talvez. Os escritores costumam deixar questões no ar, para que o leitor também explique a história na sua cabeça, e foi justamente isso que fez Virginia Woolf.

Escrita em 1923, para os sobrinhos de 13 e 15 anos, *A Viúva e o Papagaio* é uma das raras histórias que dedicou aos mais jovens. Fala-nos do encontro entre dois seres, entregues à solidão e à pouca sorte, até que um testamento provoca uma reviravolta nas suas vidas. Seguindo a base dos contos tradicionais, com

pitadas de humor e ironia, Virginia Woolf aborda temas que sempre estiveram no centro das suas preocupações: a independência financeira das mulheres e a importância de ser fiel aos seus valores.

Como o conto é muito curto, ficamos a saber o essencial logo na primeira página. A Sra. Gage, viúva, «coxa e bastante pitosga», é uma senhora idosa e solitária que apenas dispõe de «uns míseros xelins por semana para sobreviver» (o xelim é uma antiga moeda inglesa de pouco valor). Vamos encontrá-la na sua casinha de aldeia, em Spilsby, a remendar uns tamancos, quando o inesperado acontece: chega a notícia de uma grande herança! Ao ler a mensagem entregue pelo carteiro, a Sra. Gage quase desmaia de alegria. «Louvado seja Deus!», exclama: «O meu velho irmão Joseph lá partiu finalmente!»

Porque teria ela ficado tão contente? Apesar de, às vezes, os irmãos não se darem bem, seria caso para festejar daquela maneira? O narrador justifica a reação da viúva descrevendo Joseph como um grande avaro que não respondia aos postais de Boas-Festas para poupar dinheiro num selo. Algumas páginas depois, acrescenta que ele era assim desde criança e que adorava torturar insetos. Não terá deixado boas

memórias à irmã... Em compensação, a ideia de receber três mil libras e uma quinta soou muito bem à Sra. Gage, que decide imediatamente viajar para Rodmell e reclamar a sua herança. Assim, «ela e a família poderiam viver à larga o resto dos seus dias».

E quem é a família da Sra. Gage, além do irmão sovina que a atormentou desde pequena? Aparentemente, é «só» um cão chamado *Shag*, a quem ela trata tão bem que prefere passar fome a deixar que lhe falte um osso... Depois de encontrar alguém que tome conta do animal, e tendo conseguido dinheiro emprestado para o bilhete (irá de comboio?), mete-se a caminho. As viagens, com os seus perigos e obstáculos, aparecem muitas vezes aos heróis dos contos; e a Sra. Gage, apesar de não se parecer com o herói ou a heroína habituais — jovens, bonitos e fortes —, irá deparar-se com alguns desafios bastante complicados.

Nos contos também surgem personagens secundárias que ajudam o herói a alcançar o seu propósito. Antes de chegar a Rodmell, a Sra. Gage tem de cruzar o Ouse, um rio bastante perigoso. Não existindo uma ponte, será um simpático agricultor, o Sr. Stacey, a dar-lhe boleia na sua carroça puxada por cavalos,

e juntos atravessam o rio na parte mais rasa. Já é de noite quando bate à porta da casa do falecido irmão. Do outro lado, uma voz esganiçada responde-lhe: «Não está ninguém!» Era *James*, o papagaio.

Apesar das penas maltratadas, *James* era um pássaro muito bonito, todo cinzento. A viúva deu-lhe um torrão de açúcar, dizendo-lhe que «não pouparia esforços para que ele fosse o mais feliz dos pássaros». Tudo parecia bem encaminhado, mas, se assim fosse, não haveria história. Pobre Sra. Gage! Como se não bastasse encontrar uma casa em ruínas, o banco informa-a de que não há sinal das três mil libras deixadas pelo irmão. E agora? Como vai pagar o dinheiro emprestado? Desesperada, regressa a Rodmell debaixo de chuva intensa, sempre a coxear; embate numa vaca, cai, rebola na lama e acaba por alcançar o rio Ouse quando já se fez noite. Desta vez não há ninguém que lhe dê boleia, e a escolha será entre morrer de frio ou afogada. É então que surge uma ajuda tão inesperada quanto improvável.

Ao longe, a Sra. Gage vê um grande clarão que ilumina a corrente, permitindo-lhe atravessá-la a vau. Nesse momento faz um comentário muito estranho: «Deus seja louvado!», grita ela: «Está uma casa a arder,

com a graça do Senhor!» Será esta a coisa certa para se dizer perante uma desgraça? Afinal, um incêndio numa casa traz prejuízo e pode até custar a vida aos seus habitantes. A verdade é que a Sra. Gage já tinha feito um comentário semelhante ao receber a notícia da morte do irmão. Parece-nos que, usando a ironia, Virginia Woolf quis sugerir ao leitor que talvez a personagem não seja assim tão boazinha como aparenta.

Quase a chegar à aldeia, a Sra. Gage apercebe-se de que o incêndio é em sua casa. Mas a maior preocupação não é auxiliar os aldeãos a apagar o fogo, antes salvar o papagaio *James*. Todos acham que ela só pode estar louca — e dessa fama não se livrará até ao fim. Mais tarde, sem conseguir adormecer, é surpreendida pelo regresso de *James*, bicando ao de leve a janela do quarto. Naturalmente, fica felicíssima por vê-lo!

Quando a história se aproxima do momento mais emocionante — o clímax —, a personagem tem de fazer uma escolha decisiva. Embora esta não seja uma regra absoluta dos contos ou dos romances, a decisão obriga o herói (ou a heroína) a mostrar o seu caráter. No caso da Sra. Gage, visto que o amor aos animais é o seu valor supremo, seguir o papagaio

revela-se a escolha acertada. «Muito bem, *James*», disse, em voz alta, falando com o papagaio como se ele fosse um ser humano. «Vou confiar em ti. Espera só um instante, enquanto me arranjo.»

James conduz a viúva até à única coisa que resta da casa: o chão de tijolo da cozinha. O estranho comportamento do animal, que desata a bicar furiosamente os tijolos, acaba por levar à descoberta das três mil libras em moedas de ouro. Que grande surpresa! Mas porque teria o irmão da Sra. Gage escondido o dinheiro de forma que ninguém descobrisse? Seria assim tão maldoso, a ponto de impedir a irmã de ter uma velhice tranquila? Talvez Virginia Woolf quisesse dizer que o verdadeiro tesouro era o papagaio *James*. Sem a sua astúcia e determinação, o final do conto seria outro.

Ao regressar a Spilsby, a Sra. Gage é uma mulher bastante rica. No entanto, não muda de comportamento nem deixa de ser fiel aos seus valores essenciais. Quando o Sr. Stacey se oferece para lhe comprar a ave, julgando fazer-lhe um favor, ela recusa, indignadíssima. Livre de problemas com o dinheiro, conclui o narrador, «viveu uma vida regalada e muito feliz, na companhia do papagaio *James* e do seu cão *Shag*, até ser bem velhinha».

Uma história divertida e inesquecível de uma das maiores escritoras do século XX.

A senhora Gage é uma viúva que vive numa casa modesta na companhia do seu cão. Um dia, recebe uma carta informando de que o irmão morreu e ela irá herdar uma avultada herança, que inclui uma grande propriedade. Sem perder tempo, trata logo de a visitar. Ao chegar, apercebe-se de que a casa está em muito mau estado e descobre que nela vive, abandonado, um belo papagaio que agora lhe pertence.

A partir deste momento, os acontecimentos sucedem-se rapidamente e de forma inesperada. A vida da viúva e a deste enigmático animal nunca mais vão ser as mesmas, e a amizade de ambos durará até ao fim dos seus dias.

Um conto, deliciosamente ilustrado por David Pintor, que nos diverte, surpreende e ensina, em igual medida.

«Virginia Woolf aborda temas que sempre estiveram no centro das suas preocupações: a independência financeira das mulheres e a importância de ser fiel aos seus valores.»

in Prefácio de Carla Maia de Almeida

A **Coleção Tesouros da Literatura**, da qual este livro faz parte, oferece uma cuidada seleção de obras fundamentais da Literatura Universal, muitas das quais são recomendadas pelas **Metas Curriculares de Português** e pelo **Plano Nacional de Leitura**.



 fábula imagina descobre voa 20 20 editora	ISBN 978-989-564-436-0   9 789895 644360 Literatura Juvenil
--	--